

AS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Ernesto Ferreira de Oliveira*

Resumo

Com a queda do Império Romano, o Latim foi-se dialetando e, com o tempo, as regiões desses dialetos, tornando-se independentes, oficializaram-nos como língua.

PALAVRAS-CHAVE: Império Romano, Latim, Dialeto língua oficial.

Abstract

With the decline of the Roman Empire, Latin was dialecting itself, in the course of time, the regions of those dialects, becoming independent, authorizing us as a language.

KEY WORDS: Roman Empire, Latin, Dialect of official language.

Introdução

Conceito de língua e dialeto

Tanto a língua como o dialeto são um conjunto de sinais - escritos ou orais - de que se serve um grupo de pessoas para se comunicar. Na verdade, as línguas foram, no início, dialetos que adquiriram foros de língua, graças a circunstâncias políticas ou sociais, econômicas e/ou religiosas. O próprio Latim, no início dialeto de um grupo de pastores, se impôs sobre o Osco e o Umbro, também dialetos do Indoeuropeu.

Na França, na Idade Média, O Dialeto Franciano se impôs aos demais, a saber: o

Borquinhão, o Picardo, o Normando, e o próprio Provençal que tinha um maior número de falantes. É que Paris, por se tornar sede da realeza, ser sede de bispado, tornou-se centro cultural e administrativo, passando a influir sobre o restante do território francês.

Na Espanha, quando Madri se tornou capital do Reino de Castela, com Fernando e Izabel, o Dialeto Castelhana tornou-se língua oficial, apesar de outros dialetos terem maior projeção lingüística.

O mesmo se dá na Inglaterra, quando os descendentes de Guilherme, o Conquistador, escolheram Londres como sede do reino. O dialeto de lá se tornou língua oficial.

Uma dificuldade que os estudiosos de dialetos encontram é no estabelecer os limites dialetais. Difícil é estabelecer onde termina um dialeto e começa outro, em virtude da interligação da falas.

Divisão da România

Em virtude de os romanos terem conquistado um vasto território e terem imposto o Latim sobre os mais diversos povos, essa língua, com o esfacelamento do poder central, passou a dialetar-se, sofrendo em cada região as influências dos substratos subjacentes. Os lingüistas românicos procuram estabelecer critérios para a classificação das línguas latinas, propondo uns o critério fonético, como o fez Shcuchardit; outros, critério por região, conforme a opinião da maioria. Áscoli e Groeber apelaram para o critério de razões históricas.

* Consultor da UNIPAR. Doutor em Letras.

Endereço: Av. Maringá, 1135 - Apto. 43-B - CEP 87.060-000 - Londrina - PR.

Guarnieri propõe os seguintes grupos:

Grupo itálico: Ladino, Rético, Italiano e Sardo;

Grupo daco-romeno: Macedônio, Ístrio, Romeno;

Grupo ibérico: Português, Espanhol e Catalão;

Grupo galo-romano: o Francês, Provençal, Franco-Provençal.

Tagliavini e Kuhn propõem quatro grupos, a saber:

1 - Balcano-romano: Romeno e Dalmático;

2 - Italo-romano: Italiano, Sardo, Ladino e Rético;

3 - Galo-romano: Francês, Franco-Provençal e Provençal com Gascão;

4 - Ibero-romano: Catalão, Espanhol e Português.

1. As línguas balcano-romanas

Dalmático - O Dalmático não é mais língua falada. Só existe em documentos escritos. O último remanescente, Udina Burbur, era um mineiro e morreu em 1889, em um acidente com dinamite. Foi considerada língua desde o Século XVII.

O Romeno é falado por cerca de 23.500.000 pessoas; divide-se nos seguintes dialetos: Daco-Romeno, na Romênia e na Moldávia; Macedo-Romeno, na Tessália no Epiro, na Mussápia, Macedônia, Iugoslávia, até Bulgária. Megleno-Romeno: Meglenítico, na Macedônia grega, na Dubrígia e na Ásia Menor. O Ístrio-Romeno, na Sérvia, onde parece ter-se originado.

Os primeiros textos literários do romeno datam do Século XVI, na época da Reforma. Tornou-se língua oficial a partir do Século XVI. Em 1859, formou-se o Reino da Moldávia e o Dialeto Valáquio se impôs. Só no Século XIX é que a Língua Romena passou a ser estudada como língua latina. Os caracteres são cirilíacos, como o alfabeto russo.

2. Dialectos ítalo-romanos

Italiano e dialetos.

Número de falantes: 57.600.000.

Hoje em dia no número de dialetos italianos ainda é grande, apesar de os modernos meios de comunicação tornarem-nos inexpressivos. Os principais são:

Itálico central e meridional: Umbro-Romano, Marquesano Abruzo, Molissano, Campânio, Siciliano, Sardo do Norte e Rético.

Toscanos: Florentino, Pisano, Luquese, Pistoies, Senês, etc..

Aspectos históricos

O Italiano parece ter-se originado no Século XII a XV. De 1220 a 1250, governou o Reino da Sicília Frederico II, da família Hohenstaufen. Durante esse período, apareceu Jacomo Lauretino, poeta e criador do soneto, poesia de forma fixa de 14 versos, popularizado no dialeto do Piemonte. Na Florença, aparecem os "Poeti del dolce stil nuovo" e também se projeta no mundo das letras o grande Dante Alighieri, poeta e crítico literário que, com nova teoria literária, consegue projetar o dialeto de Florença. A cidade torna-se centro comercial e literário, com sede de bancos e grande atividade comercial. Era lisonja escrever no referido dialeto. Tanto assim é que a poesia medieval, antes escrita em Provençal, muda de expressão com o dialeto de Dante.

No Século XVI, surgiu uma discussão: *Questione de la lingua. Qual norma seguir?*

Surgiram três tendências. A arcaizante, conforme o modelo de Dante; a eclética, conforme a fala das cortes; e a toscanizante.

Com a unificação italiana, 1810, o Piemontês tornou-se língua oficial. A bem dizer, apesar dos inúmeros dialetos, as pessoas cultas escreviam nesse dialeto.

3. Grupo Galo-Romano

Francês: total de falantes: 100.000.000 de pessoas, incluindo a França com 56.500.000, Canadá com 3.000.000, sendo o restante distribuído entre Bélgica, Suíça, Haiti, e países africanos, antigas colônias da França.

Aspectos históricos

O Francês é o Dialeto Franciano, falado ao redor de Paris. Esse dialeto naturalmente assimilou os demais da região, em virtude de sua projeção política, pois que Paris se tornara a sede da monarquia, e assim ficou sendo ele a língua da corte. Ainda mais que, no Século X, houve o Concílio de Tours, Norte de França, cujos resultados foram escritos no Franciano. Nele igualmente se escrevia uma literatura religiosa, de hagiografia, como *Vie de Saint Alexis*, o poema “Chanson de Roland”, que celebra os feitos de Carlos Magno na luta contra os mouros na região de Catalunha (Marcas de Espanha). No Século XII, fundou-se a Universidade de Paris, cuja língua oficial, apesar da influência do Provençal, foi o Franciano. A partir do Século XIII, tornou-se língua oficial. Era chamado de Langue Doil.

O Provençal, ao Sul, era chamado de Langue Doc, mais alatinado, era usual entre a maioria da população. Mas atualmente só cerca de 10.000.000 de falantes.

Entre o Rio Garona e os Pirineus ficam os dialetos: Limosino, Behamês e Provençal propriamente dito. O Franco-Provençal, entre o Jura, Grenoble, Sabóia, Lion, e Suíça Francesa.

A Língua Francesa por muitos anos foi a expressão da intelectualidade mundial e da diplomacia. Nos séculos passados, principalmente do XVIII ao XIX, a cultura francesa influenciou o mundo. Atualmente disputa lugar com o Inglês no privilegiado mercado mundial.

4. România Ibérica

A Península Ibérica foi colonizada pelos romanos no Século II e I a. C., quando da invasão dos cartagineses. Os romanos foram em socorro de Sagunto, cidade que ficava ao Sul da Península, e estava sitiada. Ante o pedido de socorro dos saguntinos, Roma enviou suas legiões para lá e anexou a terra a seu domínio. Findo o Império, houve várias invasões bárbaras, destacando-se os godos e visigodos, da família germânica. Formou-se o grande Reino Visigótico, compreendendo toda a Península Ibérica e parte da França. Em 711 d.C., os mouros, habitantes do norte da África-

(Marrocos - Mauritânia), chefiados por Tárik, invadiram a Península pelo Sul. Só foram contidos por Carlos Magno, na Batalha de Poitiers (722).

Foi longo o período das guerras de reconquista. A resistência partiu dos vários pequenos reinos ao Norte, das Astúrias. Dentre esses reinos destacou-se o de Castela. Foi em 1085, com a tomada de Toledo aos mouros. Houve então uma sucessão de vitórias, como a Batalha de las Navas de Tolosa (1212), Córdoba (1236) e de Sevilha (1248).

O movimento de retomada aos mouros das terras de Espanha fez com que o Castelhana, a língua dos reis de Castela, se tornasse a fala geral do reino. No Século XII, surge o Poema *del Cid* - 3.735 versos - nesse dialeto. Tornou-se a língua de expressão religiosa, com hagiografias, autos e hinários. Em 1241, foi escrito o Código Civil, o *Forum Iudicum*.

Mas foi só com o casamento de Fernando e Izabel (Castela) que o Castelhana se tornou língua geral.

O Espanhol é língua oficial em 21 países, incluindo Espanha, e países da América, num total aproximado de 600.000.000 de falantes.

Apesar de haver vários dialetos, o único que se destaca é o Catalão, com 4.500.000 falantes. A região de Catalunha foi um protetorado de Carlos Magno, a Marca de Espanha, em 1137. No Século XII a XV, era usado o Povençal. A partir do Século XIII, começou o Catalão, alcançando o apogeu nos séculos XIV e XV. Em 1479, houve a assimilação por parte do Reino de Castela. No Romantismo, houve uma tentativa de restauração com algum florescimento da literatura. Com o franquismo, desapareceu a atividade literária e hoje é uma região bilingüe.

5. România lusitana

O Português é falado por cerca de 200.000.000 de pessoas, incluindo Portugal com 10.500.000, Angola 9.000.000, Guiné 1.000.000, Moçambique 16.000.000, Açores e Cabo Verde, Madeira 200.000; São Tomé e Porto Príncipe, 120.000; Brasil, 165.000.000.

A distribuição dos dialetos espanhóis, portugueses e catalães corresponde às conquistas havidas a partir do Século X até o XV, quando as expedições dos pequenos reinos dos Montes

Cantábricos partiram para a reconquista dos territórios ocupados pelos mouros. Como as expedições partiram de regiões diferentes e em épocas diferentes, daí as variações dialetais. A Oeste, o Condado Portucalense; no centro, o Reino de Castela; e a Leste, o de Aragão.

6. Fatos históricos

Em 1085, Afonso VI, Rei de Castela, casou suas duas filhas com dois fidalgos borguinhões. Urraca casou-se com Raimundo de Borgonha; Tareja, com Henrique de Borgonha. Por seus méritos na luta contra os mouros, quando conquistou a região entre o Douro e o Minho, Henrique recebeu a região denominada então de *Portu Cale*, formando um Condado Portucalense. Raimundo ficou com a Galícia que, depois, voltou ao domínio catalão.

Com a morte de Henrique de Borgonha, a viúva Tareja quis que o Condado voltasse ao domínio dos de Castela. Seu filho, Afonso Henriques, se revoltou contra a mãe e se proclamou rei de Portugal em 1143.

Aos poucos, outros reis foram aumentando os domínios até o Algarve e, com Dom Dinis, chegou-se aos limites atuais. Falava-se na região o Galaico-Português, e tinham-no como a língua que melhor servia à poesia de sentimento, enquanto o espanhol era mais apto para a tragédia.

A partir do Século XII, tornou-se língua oficial, escrevendo-se nela os documentos.

Com a mudança da capital, de Coimbra para Lisboa, e com a fundação da Universidade - Estudos Gerais, (1300) o dialeto interamense oficializou-se. Com o Humanismo, com as obras dos grandes escritores, a língua adquiriu estabilidade a tal ponto que, mesmo com a perda da monarquia (1580-1640) não desapareceu, apesar do prestígio do Espanhol. Levado para outros continentes, enriqueceu-se; e hoje, com o grande número de publicações, principalmente no Brasil, passa a ser mais considerado internacionalmente.

Conclusão

Como tivemos ocasião de dizer, não houve uma única Língua Latina, mas várias, conforme os grupos de falantes, as épocas, e a influência

estrangeira.

Igualmente as influências desses vários latins se processaram em épocas diferentes dentro do Império. A Língua Latina se disseminou através dos colonizadores romanos em vários séculos sucessivos. Daí, cada região recebeu esse Latim heterogêneo. O resultado foi, pois, essa variação de línguas latinas.

Costuma-se afirmar que o Latim é a língua-mãe e que as novilatinas são filhas. Contra essa aceção se insurge Leite de Vasconcelos argumentando que, ser mãe, filha, língua viva, língua morta, são conceitos biológicos. A língua não é um organismo vivo. Assim, não pode receber tais atributos. Isto adveio da relação dos cientistas do Século XVIII e XIX com Darwim. Uma língua não é morta, porque, não tendo vida, não poderia morrer. Dizer também que, dentro do conceito de língua viva, língua morta para o Latim é outro absurdo, pois as línguas latinas são a continuação do Latim. Tais línguas são o Latim falado atualmente. Para a maioria dos estudiosos, como Meillet, Max Mueller, Gabelentz, Bourciez, Gaston Paris, etc., todos são unânimes em refutar tal absurdo.

Afirmar, portanto, que o Português veio do Latim, assim como as demais línguas latinas, é de certo modo incorreto. Na verdade, essas línguas são o Latim atual.

Bibliografia

CHAVES DE MELO, Gladstone. **Iniciação à Filologia Portuguesa**. 2. ed., Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

FERNANDEZ MIAZZI, Maria Luísa. **Introdução à Lingüística Românica** - Histórico e Métodos. São Paulo: Cultrix, 1976.

LEITE DE VASCONCELOS, José. **Lições de Filologia Portuguesa**. 3. ed., Livros de Portugal, Rio, 1959.

MAURER JR., Theodoro Henrique. **O Problema do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

NASCENTES, Antenor. **Elementos de Filologia Românica**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1954.